

# “É PRECISO IMAGINAR”: ENTREVISTA A PATRICK CHAMOISEAU

*Luana Antunes Costa (UFRJ/ CAPES)*  
Universidade Federal Rio de Janeiro, RJ, BR

## Resumo

Aos 18 de junho de 2013, entrevistamos o escritor martinicano Patrick Chamoiseau, na ocasião de nosso trabalho de campo desenvolvido na Martinica. Abordando temas pertinentes à arte literária caribenha e suas relações com o cenário político da Martinica e das demais ilhas, o relato de Chamoiseau brinda-nos com uma visão perspicaz sobre a relação de dependência econômica e cultural ainda existente entre sua ilha natal e a França. O escritor também comenta sobre sua *práxis* literária e política, não deixando, assim, de explicitar a importância da visão de Édouard Glissant para uma análise das relações interculturais, de diferentes povos do mundo, presentes na base de grandes potências econômicas, como é o caso dos Estados Unidos da América.

**Palavras-chave:** Patrick Chamoiseau, literatura e política, intelectual e política, literatura caribenha.

## Abstract

On June 18<sup>th</sup> 2013 we interviewed the Martinican writer Patrick Chamoiseau in occasion of our fieldwork in Martinique. While addressing issues relevant to the Caribbean literary art and its relationship with the political scenario of Martinique and the other islands, Chamoiseau provide us sharp insights about the economic and cultural dependency between France and its native island. The writer also tells us about his own literary and political praxis, remembering the importance of de Édouard Glissant's approach for an analysis of intercultural relationship between different peoples of the world inside in the major economic powers, such as the US and France.

**Keywords:** Patrick Chamoiseau, literature and politics, intellectual and politics, caribbean literature.

## Resumen

El día 18 de Junio de 2013, entrevistamos el escritor martiniqueño Patrick Chamoiseau, en ocasión de nuestro trabajo de campo desarrollado en

Martinica. Abordando los temas pertinentes al arte literária caribeña y sus relaciones con el escenario político de Martinica y de las demás islas, el relato de Chamoiseau nos brinda, con una visión perspicaz, la relación de dependencia económica y cultural, aún existente, entre su isla natal y Francia. El escritor también comenta sobre sua *práxis* literária y política, no dejando sin explicar la importancia de la visión de Édouard Glissant para un análisis de las relaciones interculturales entre diferentes pueblos del mundo, considerando la base de la política de las grandes potências económicas, como es el caso de Estados Unidos de América.

**Palabras claves:** Patrick Chamoiseau, literatura y política, intelectual y política, literatura caribeña.

“Nem europeus, nem africanos, nem asiáticos, nós nos proclamamos crioulos” (CHAMOISEAU *et al*, 2010, p. 13, trad. nossa), a máxima proclamada no *Éloge de la créolité*, espécie de manifesto artístico e político, publicado originalmente em 1989, aguçou o nosso olhar crítico à descoberta da obra literária do escritor martinicano Patrick Chamoiseau. Do *Éloge de la créolité* a seus textos ficcionais, construimos uma trajetória de leitura que nos levou ao desenvolvimento do projeto de doutoramento, cuja tese resultou do desejo de aproximar e confrontar dois *locus* enunciativos, dois espaços geográficos, marcados, em suas diferenças, pelo traço da colonização: Moçambique e Martinica. Assim, nasceu “Traços do chão, tramas do mundo: representações do político na escrita de Mia Couto e de Patrick Chamoiseau”, tese defendida na Universidade de São Paulo, em 2014.

Nas páginas do *Éloge de la créolité*, percebemos o desejo de seus signatários, Patrick Chamoiseau, Jean Bernabé e Raphaël Confiant, por dar o testemunho de uma visão de mundo a partir da Martinica e de sua relação com as histórias locais das outras ilhas caribenhas; transmitir um saber pelo testemunho, em princípio pela matéria da voz, depois, pela matéria da letra, alinhando as duas matrizes no ato; visitar a memória, burilá-la, tecer as lembranças; deixar fluir as águas do imaginário. Desse modo, são esses alguns dos caminhos que as palavras iniciais do *Éloge de la créolité* parecem querer desenhar ao leitor/ouvinte como *uma possibilidade* de mudança estética e subjetiva, no contexto social caribenho e no francês.

Em 2009, suplementando esse primeiro movimento de reflexão político e artístico, Patrick Chamoiseau, dessa vez, junto com Édouard Glissant, publicou o ensaio “L’intraitable beauté du monde: adresse a Barack Obama” (2009). Desse modo, em outros tempos, alinhando os campos da arte e do político, a *práxis* intelectual de Chamoiseau assinala o compromisso em dizer, a partir de seu local, a existência plena de sua terra; desloca-se, em diferentes meios, pela prática literária, pelo jornalismo, pela educação, pelo urbanismo, setores políticos da organização da cidade, da ilha, das Antilhas.

Em junho de 2013, visitamos a Martinica a fim de trilharmos alguns de seus espaços físicos, ficcionalizados pela letra de Chamoiseau em seu romance *Texaco* (1992) e, sobretudo, para um encontro com o escritor na capital, Fort-de-France. Assim, seguiu-se uma conversa sobre o contexto sóciopolítico e cultural da ilha e suas relações com a França, sobre a dinâmica da escrita com Glissant, sobre beleza, política, assuntos, portanto, pertinentes a Martinica e ao mundo.

LC<sup>1</sup>: Eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas, por favor. Começemos pela “beleza”. Quando o senhor pensa sobre a beleza, em relação aos textos... Esta metáfora é uma noção ou uma ferramenta?

PC: *A ideia da beleza é uma ideia importante, pois a cada vez que temos um surgimento de beleza, mesmo no domínio da arte, temos uma transformação radical de nossa percepção e de nosso nível de consciência. Quando um grande artista surge ou isso pode nos aterrorizar, achamos terrível ou reprovável, entretanto, somos tocados mesmo assim, ou isso pode nos fascinar ou pode nos levar ao êxtase. Portanto, cada surgimento de beleza é como se um novo horizonte se desprendesse e uma parte do real fosse despedaçada. Por exemplo, o **Diário de um retorno ao país natal** de Aimé Césaire foi um surgimento de beleza que assustou muita gente. As pessoas não concordavam,*

<sup>1</sup> Na entrevista, a sigla LC refere-se a Luana Costa, e PC a Patrick Chamoiseau. A versão original da entrevista em francês pode ser consultada na tese de nossa autoria, “Traços do chão, tramas do mundo: representações do político na escrita de Mia Couto e Patrick Chamoiseau” (2014), disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-27042015-111512/pt-br.php>>.

isso falava do negro, da África, tinha uma formulação retórica completamente não convencional. Bom, para alguns era um horror; mais eles estavam impressionados, porque a beleza pode ser aterrorizante, não obstante, o fato de aterrorizar modifica o estado da percepção e desorganiza a ordem estabelecida. E tiveram outras pessoas que leram o **Diário de um retorno ao país natal** e que imediatamente viram outras perspectivas, outros horizontes. Daí que a cada vez que temos um surgimento de beleza, temos um desdobramento horizontal de fecundação das obras, das atitudes, dos comportamentos, das filosofias que nascem desta beleza. E o mundo de hoje é ao mesmo tempo aterrorizante e fascinante. Aterrorizante porque há povos famintos, há os histéricos das finanças que verdadeiramente entram numa lógica mortífera. Portanto, é ao mesmo tempo aterrorizante. Além disso, esses predadores escapam às lógicas nacionais, eles estão alastrados por todos os países do mundo, são transacionais, são transculturais etc. Portanto, são quase invisíveis e afligem. Logo, é uma dimensão aterrorizante que nos alerta também a uma modificação do mundo. Mas, ao mesmo tempo, os povos se conhecem, os indivíduos se encontram... Quando um povo luta, a luta de todos é reforçada. Há uma espécie de comunidade-mundo que é constituída e que dá esperança a todos, e isso para mim, isso parece a uma beleza. Esse surgimento de coisas aterrorizantes e de coisas exaltantes, ao mesmo tempo, é sempre o sinal da beleza. A beleza do mundo seria feita disso. A beleza nunca é alguma coisa lenitiva, não é o bonito, não é o simpático. A beleza é alguma coisa surpreendente que lhe transtorna e lhe obriga a reconsiderar muitas coisas. É isso que eu chamo de beleza do mundo, a intratável beleza do mundo.

LC: Em relação ao gênero desse texto [L'intraitable beauté du monde], é um ensaio, na sua opinião?

PC: *Eu não sei o que é! Eu penso que as categorias, tais como as definimos até então, não funcionam. É um texto poético, uma intervenção poética. Eu acho que a palavra-chave é a força poética ou a visão poética das coisas, não é uma visão de economista, de sociólogo, de antropólogo ou da ciência política, é uma mistura de concepções poéticas, de visões. Portanto, eu*

*não sei... Para mim é um texto poético. Sabendo mesmo que a poética está no princípio da consciência e do pensamento. Quando a consciência vai surgir no homo sapiens, ele estará totalmente aterrorizado! Ai reencontramos o terror. Aterrorizado por aquilo que ele não compreende. Aterrorizado também por um nascer do sol, uma tempestade, o raio, o sol, a lua, enfim... É o terror e a fascinação. Isso vai criar o espírito poético, e o espírito poético é uma espécie de hipersensibilidade que se abre pelo fato da incompreensão e da fascinação, misturadas. E este espírito poético inicial no homo sapiens vai gerar o espírito mágico, as religiões, a filosofia, e, depois, evidentemente, a poesia. E a poesia está sempre no princípio e sempre no fim. Daí que na situação em que estamos, em que o mundo é extremamente difícil de compreender, em que os surgimentos são incessantes, em que estamos simultaneamente aterrorizados e fascinados, a abordagem poética me parece pertinente. Portanto, é um texto poético. Ademais, a dimensão poética está muito ligada ao verbo criador, ao verbo fundador. O texto que fizemos para Obama era da ordem da conjuração. Sabíamos que é difícil, não é um homem que muda o mundo, não é um homem que vai mudar a administração dos Estados Unidos. Por outro lado, nós podemos projetar sobre ele, como uma prece, como um encanto xamanístico, para ajudá-lo finalmente a fazer o melhor que ele possa. Portanto, encanto xamanístico, poética, eu diria mais um texto poético, mas não é um ensaio.*

LC: E Obama leu esse texto?

PC: *Ah... isso eu não sei, eu sei que ele foi traduzido em inglês, mas eu não sei se ele o leu, se ele compreendeu alguma coisa. Mas isso não tem importância. Uma mensagem como essa é endereçada a cada um de nós e o importante é que não se tenha uma leitura estreita, racial, econômica ou estratégica, que se tenha uma leitura poética do fenômeno. Era o nosso papel. O problema é que no discurso dominante, nas explicações, deixa-se o lugar aos experts... São políticos, economistas, é a ciência política e são eles que falam. E não é normal! A poesia também pode se exprimir.*

LC: Escrever com Glissant, como foi esse processo?

PC: *O que fazemos geralmente é que há um que dá o primeiro impulso e o outro reestrutura, e por fim, fazemos idas e vindas. Para nós, vai bem rápido. Eu dei um primeiro impulso que ele transformou completamente, então ele me reenviou e eu acrescentei duas ou três coisas, e estava terminado em duas idas e vindas. Pois Glissant e eu sempre estivemos muito próximos, temos praticamente as mesmas concepções. Eu conheço muito bem o seu trabalho, portanto eu posso perfeitamente me adaptar àquilo que ele pensou, então vai rápido. O que é impressionante, pois é um aristocrata da literatura. Eu sou o único com quem ele aceitou escrever a duas mãos [risos].*

LC: O senhor conhece Mia Couto?

PC: *Quem?*

LC: Mia Couto, o escritor moçambicano.

PC: *Não, justamente, eu não conheço.*

LC: Ele acaba de ganhar o Prêmio Camões.

PC: *Ele está traduzido em francês?*

LC: Sim.

PC: *Eu vou ver então.*

LC: Bom, farei um desvio. Quando estivemos na Maison de la Poesie, em Paris, lembro-me que senhor falou um pouco sobre as independências africanas. O senhor falou sobre um processo de violência... E eu pensava na história de Moçambique, das antigas colônias de Portugal que foram libertadas em 1975. Portanto, em relação a esse processo, o senhor teria algo a dizer?

PC: *Não, nada de especial. A questão das independências é sempre uma questão difícil. O que eu creio é que é preciso, verdadeiramente, tentar ter uma poética do mundo, do movimento do mundo, compreender bem o que está acontecendo e que, no meu entendimento, é da ordem da relação. Quer dizer, o fato de entrarmos em uma fluidez extrema, que faz com que todas as partes do mundo constituam o tout e que o tout esteja em todas as partes, em todo momento, e que isso muda completamente todas as maneiras que tínhamos de fazer sociedade, de definir*

*nossa identidade, de organizar nossa economia etc. E a partir daí, o risco que se coloca sempre às libertações é de se contentar de ser simplesmente uma rebelião. Uma rebelião é o que derruba uma ordem de dominação, uma ordem em que a atitude guerreira é verdadeiramente uma atitude que diz: Eis, sofremos uma ordem de dominação, não iremos simplesmente nos contentar com a derrubada da ordem de dominação, mas vamos tentar agir como se houvesse um outro mundo e que toda dominação não seja oxigenada, em todo caso, que ela não seja mais possível nas relações que iremos estabelecer com o mundo. E às vezes, isso é difícil, pois os países que entram num processo de independência estão diretamente confrontados com a complexidade do mundo. E se o problema deles era simplesmente se livrar do colonizador e depois ocupar os escritórios que ele ocupava, os postos que ele ocupava, e que o mundo não é pensado, que a relação não é encarada, tais países arriscam de se encontrar sob a dependência de novos colonialistas, do neocolonialismo e também sob a dependência capitalista. Ademais, enquanto nos anos 50-60, falou-se muito de independência, eu penso que a grande declaração de hoje é uma declaração da interdependência. Todo o mundo está ligado, o destino de todo o mundo está ligado, do ponto de vista do meio ambiente, da economia etc., e essa declaração de interdependência, é aquela que nos permite compreender que o mundo está em relação, e que é a relação que constitui hoje o soco de uma existência no mundo. Portanto, o termo independência não é mais apropriado. Entramos hoje em interdependência. A interdependência supõe personalidades plenas, soberanias que tomem consciência de suas complementaridades, de seus antagonismos e da maneira pela qual será articulado o seu desabrochar pessoal. É uma complexidade nova.*

LC: E vive-se isso na Martinica?

PC: *Tentamos, pois somos ainda administrados pela França. E durante muito tempo, pensamos nosso desabrochamento em termos de ruptura, logo, em termos de independência. Hoje, estamos tentando problematizar o assunto dizendo que se pensamos em termos de interdependência, precisamos construir nossos espaços de responsabilização,*

*nossos espaços de soberania, aumentar as possibilidades que temos de estar em contato com os países das Caraíbas, os países da América Latina etc., amplificar nosso sistema relacional. Mais do que entrar em um processo de ruptura com a França, dizemos que o trabalho a fazer é de multiplicar todas nossas redes relacionais e é isso a diferença. Portanto, não estamos mais no corte com uma bandeira e um hino nacional, mas estamos na multiplicação das redes, dos pertencimentos e das solidariedades, logo, em interdependência. Porém, isso supõe, ainda que estatutariamente, que tenhamos um nível mais elevado de responsabilidade política, da ordem da autonomia, da ordem federal, enfim, é preciso imaginar. Então, vamos mais nesta direção... Ao passo que até agora sempre pensamos em termos de ruptura. Ora, a ruptura não é considerável.*

LC: Havia uma intenção de tua parte quando escreveu este texto, *L'introuvable beauté du monde*? Havia já uma intencionalidade?

PC: *É o pensamento de Glissant. De certa maneira, podemos dizer que Glissant havia predito a emergência de uma personagem como esta, que era bastante inesperada. Na estruturação daquilo que ele diz da relação, tudo é possível e a renovação pode vir de, de... Há dez anos quem poderia dizer que... Sabíamos que cedo ou tarde haveria um presidente negro, mas não pensávamos que isso seria tão rápido e em momentos tão extremamente difíceis, em um momento em que a América é mais racista do que nunca... Era muito curioso. Portanto, o texto era mais da ordem da conjuração, ou seja, uma emergência poética, nós tentamos projetar nossa leitura sobre isso, para que esta leitura pudesse permitir desenvolvimentos. Malogrou um pouco, mas o surgimento de Obama modificou consideravelmente a consciência do mundo, até mesmo a consciência da América e a consciência do mundo. Mesmo se os efeitos não sejam sempre aparentes.*

LC: Eu tenho uma dúvida, uma dúvida de uma pesquisadora que viaja. Na Martinica existe uma espécie de reivindicação identitária americana? Será que a população se pensa como parte das Américas?

PC: Não, não, isso faz parte do isolamento do imaginário dominado. Somos administrados pela França, de certa maneira estamos sob a perfusão com a França e todos nossos canais mentais são orientados para a França e a Europa. Portanto, sabemos tudo que se passa na França, no mínimo detalhe, mas somos incapazes de citar os presidentes dos países da América Latina, das Caraíbas, não sabemos o que se passa aí. Porém, desde uma vintena de anos há uma vontade, todo mundo repete que somos caraíbas, que somos americanos, etc., mas a frequência ou a inserção na Caraíba ou nas Américas não é necessária. Ela não é necessária economicamente. É como se você tivesse em sua casa... Você está numa casa onde lhe dão de comer, de beber, lhe dão a televisão, lhe dão tudo, então você não precisa ir, você não tem a necessidade... Daí que toda a política hoje e a vida econômica são organizadas para pedir mais à França, para pedir exonerações, pedir ajudas, pedir, pedir, pedir, e não para ir buscar o que... A tendência ligeiramente [inaudível] começa a se transformar. Do ponto de vista econômico, começamos a tatear em volta para ver como poderíamos... E do ponto de vista político, há uma verdadeira vontade de instalá-la. Mas resta a transformação do imaginário para compreender que somos crioulos americanos, que somos caribenhos. E aí seria necessário implementar toda uma política cultural para modificar esse imaginário e obter um imaginário caribenho. Porque com Glissant tínhamos proposto a criação de um museu das artes das Américas para mostrar, pelo viés do trabalho dos artistas, das artes visuais e do espetáculo vivo. Quando olhamos, vemos bem que há relações, contatos e que sob a aparente diversidade, há uma unidade americana, uma coerência americana global. Portanto, isso, queríamos fazê-lo, mas não conseguimos. Daí que é preciso uma verdadeira política cultural para transformar os imaginários e nos recolocar em um imaginário caribenho ou americano. Mas a ideia da relação nos obriga a isso. A ideia da relação de Glissant é de se definir em um máximo de relações com os outros e com diferentes espaços. Porém, a ideia de relação torna menos pertinente a questão territorial, ou seja, que a relação com o mundo não é geográfica ou territorial. Claro que a Martinica é americana, ela é caribenha, mas a presença no tout-monde, o que ele chama

*de tout-monde, é relacional. Não é porque estamos próximos do Brasil que ele pode ser nosso parceiro privilegiado, nosso parceiro privilegiado pode ser o Senegal ou a Tailândia, ou uma pequena ilha por razões X, porque a dimensão da desterritorialização da ação, da relação, das redes e da solidariedade fazem com que a dinâmica territorial não seja a mais determinante, mesmo se ela for determinante. Estamos verdadeiramente num campo de intervenção em que temos praticamente mais de 50% de virtual.*

LC: Vamos falar um pouco de **Texaco**. Eu vou lhe explicar uma coisa sobre minha tese, ela segue exatamente três linhas de força: sobre o feminino, os espaços e o tempo, a memória. Quando estou aqui, quando olho as ruas, quando falo quase em crioulo com as mulheres, que me falam sempre em crioulo, eu vejo Marie-Sophie em todo lugar. É verdade! Eu gostaria de saber como nasceu Marie-Sophie Laborieux.

PC: *Então, é uma personagem que existe, que se chama senhora Sicot e que morava no bairro Texaco. Quando eu comecei o projeto do romance eu fui ao bairro Texaco e me apresentaram essa senhora que, foi a primeira que tinha construído sua casa no bairro, e foi ela que me contou como todo mundo veio, como eles batalharam etc. Então, eu a gravei, eu devo ter a gravação em alguma parte, eu me debrucei muito sobre sua personagem para contar a personagem Marie-Sophie Laborieux. O nome, Marie-Sophie Laborieux, é o nome de uma tia-bisavó, porque minha mãe, a quem eu perguntava muito, me dava os nomes, e como as personagens do passado tinham nomes extraordinários que não temos mais agora, então eu sempre anotava nomes, e ela tinha me falado dessa Marie-Sophie Laborieux que era uma ancestral, e o nome me agradou, e eu o tinha anotado. Para terminar, minha mãe, que nasceu no campo, enviaram-na a Fort-de-France aos doze anos. Ao deixarem a escola, colocavam as moças na casa dos mulatos onde elas eram cozinheiras ou empregadas. Minha mãe trabalhava na casa de uma senhora que fazia chapéus e ela me contou sua descida a Fort-de-France, sua instalação na cidade, etc. Então, misturando a senhora Sicot, minha mãe etc., eu fiz a personagem Marie-Sophie Laborieux. Sem contar todas as outras personagens que eu juntei aí dentro para adensar, mas*

*na base, é alguém que existe e ela está viva, ela está aqui, ela mora em Caseville, ela é cega agora, mas ela está aqui.*

LC: Eu estava no café Lina's, em Fort-de-France, e eu falei com uma garçonete que trabalha lá que faço um trabalho sobre o teu romance. Ela me disse, “ahhh! Genial! Quando eu leio *Texaco* eu tenho a impressão de conhecer todas as pessoas que estão na história”. E isso é o mais importante para o meu trabalho, é isso na verdade. Para explicar um pouco, eu sou professora em São Paulo, eu trabalho em escolas da periferia, favelas e tudo isso. Certa vez eu estava com este livro, com o romance *Texaco*, e eu li aos adolescentes, aos professores, eu li um extrato do romance e eles me olharam assim, dizendo: “mas é a nossa história, é isso, é a mesma coisa!” Então eu lhes disse: “bom, vamos olhar o mapa do mundo” e eu lhes mostrei o mapa da Martinica. É isso que me conduziu a escolher este texto, eu sei que há diferenças com os romances de Mía Couto, que falam da cidade e do interior de Moçambique, mas eu vejo que há também aqui o *tout-monde* de Glissant, todas essas redes de solidariedade, de esperança, através da arte, da poesia, e, de fato, meu trabalho é sobre isso. Para terminar, o ato político, em seu meio, em seus trabalhos de escrita, é também ligado ao ato da escrita poética?

PC: *Quer dizer a relação entre o poético e o político? Sim, o político é a organização da cidade, portanto todas as preocupações prosaicas, entre aspas, e além do prosaico, do viver junto. Então, é isso o ato político. Mas o que aconteceu é que o discurso político progressivamente se deixou dominar pelo discurso econômico. E é verdade que cada vez que as comunidades de homo sapiens se constituíram em tribos, clãs, ordens etc., isso sempre gerou uma economia natural. Não há comunidade de homens que não gera uma economia. O problema é que essa economia, esse princípio econômico, que faz parte da política, tomou uma extensão tão desmesurada em razão do capitalismo, etc., que isso completamente dominou a finalidade do político, que é o bem-estar, o bem viver e o belo viver humano. Hoje, temos uma política em que a dimensão econômica se nutre dela mesma, o crescimento se nutre do crescimento e a economia nutre a economia. Mas esquecemos do bem-estar humano, estamos a serviço da economia e não é mais a economia que*

*está a nosso serviço. E é porque a palavra [parole] poética é importante, porque a palavra poética permite reencontrarmos os valores essenciais, eu não gosto totalmente do termo valor, porém, é mais uma ética que nos reconduz àquilo que há de mais importante, de mais necessário, seu desabrochar, seu ideal, sua criatividade, as solidariedades, a felicidade, a festa, a loucura, a dança, o riso... E esta dimensão aí, é a dimensão poética que absolutamente precisamos tornar a injetar e colocar aos fins de toda política e de toda economia, e é porque a palavra poética me parece muito pertinente, porque não é uma palavra de expertise, é uma palavra de conhecimento diretamente ligada às necessidades fundamentais do homem.*

LC: Para terminar, desta vez eu prometo! O projeto sobre Saint-Pierre, o senhor se ocupa disso agora?

PC: *É preciso ir ao nosso site, é preciso ver o site, está tudo explicado...*

LC: Eu vou visitar Saint-Pierre amanhã.

PC: *Ah sim! A ideia é de operar o desenvolvimento econômico a partir do patrimônio, do identitário e do cultural, porque dizem geralmente que o desenvolvimento durável tem três pilares: o econômico, o social e o ambiental. E eu digo que há um quarto: é preciso adicionar a cultura, e nem é o quarto, é o pilar central, porque é por meio da cultura que construímos nossa economia, nosso social e nosso ambiente. Não podemos ter uma relação com o meio ambiente ou uma ética social, ou um princípio econômico, sem um fundo cultural. E, geralmente, em todo discurso do desenvolvimento durável, você verá que a cultura não existe. A ideia desses dois grandes projetos é de partir do identitário, do cultural e do patrimonial para relançar o melhoramento social, a dinamização econômica e a proteção ambiental. Então, é preciso considerar um outro motor, eis, em geral é isso.*

LC: Agradeço-lhe muito, estou muito contente.

PC: *Eu gosto muito de **Viva o povo brasileiro**, de João Ubaldo Ribeiro, eu gostaria muito de encontrá-lo, e convidaram-*

*me, para um festival de literatura no Rio em setembro ou em outubro, cujas favelas... enfim, um bairro popular...*

LC: Eu trabalho em São Paulo, eu já morei no Rio também, mas em São Paulo temos um movimento que o senhor talvez conheça [Literatura Periférica].

PC: *Deixe-me um e-mail e eu lhe enviarei um convite por e-mail. Eles fazem alguma coisa nos bairros populares...*

### **Referências**

BERNABÉ, Jean; CHAMOISEAU, Patrick; CONFIANT, Raphaël. *Éloge de la créolité*. Paris: Gallimard, 2010.

CÉSAIRE, Aimé. *Cahier d'un retour au pays natal. Diários de um retorno ao país natal*. Trad. Lilian Pestre de Almeida. São Paulo: EDUSP, 2012.

CHAMOISEAU, Patrick e GLISSANT, Édouard. *L'intrahable beauté du monde: adresse à Barack Obama*. Paris: Galaade, 2009.

CHAMOISEAU, Patrick. *Texaco*. Paris: Gallimard, 1992.

\_\_\_\_\_. *Texaco*. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.